



BOM DESEMPENHO DEPENDE DE ALTAS EXPECTATIVAS

Primeira reportagem da série baseada na obra de Doug Lemov testa procedimentos de manejo de sala de aula que, segundo o especialista norte-americano, podem transformar uma boa aula em uma aula excelente

“**D**oug Lemov diferencia o que significa melhoria da autoestima e aumento da expectativa de aprendizagem. A primeira é acompanhada por um pseudorespeito às condições do aluno. Se a criança vem de uma família socialmente desfavorecida e com cultura considerada pelo ambiente escolar como mais pobre, para não afetar a autoestima abre-se uma porta para absorver as deficiências acadêmicas que essa criança tem e impede-se que os problemas sejam trabalhados.” Com essa avaliação, a professora Guiomar Namó de Mello, consultora educacional e revisora técnica da edição brasileira do livro *Aula Nota 10 – 49 Técnicas para Ser um Professor Campeão de Audiência*, de Doug Lemov, ressalta a pertinência do uso de procedimentos de manejo de sala de aula como ferramentas de melhoria do desempenho acadêmico nas escolas públicas brasileiras.

A obra, lançada no Brasil pela Fundação Lemann com a Editora Da Boa Prosa, apresenta como o docen-

A série Aula Nota 10

As reportagens especiais foram distribuídas em dez edições da *Profissão Mestre* (veja abaixo) e avaliarão as propostas didáticas do livro, seguindo uma pauta de acordo com a ordem em que aparecem na estruturação da obra:

- Criar altas expectativas acadêmicas (abril)
- Planejar para garantir um bom desempenho acadêmico (maio)
- Estruturar e dar aulas (junho)
- Motivar os alunos nas suas aulas (julho)
- Criar uma forte cultura escolar (agosto)
- Estabelecer e manter altas expectativas de comportamento (setembro)
- Construir valores e autoconfiança (outubro)
- Melhorar seu ritmo para criar um ritmo positivo em sala de aula (novembro)
- Estimular os alunos a pensarem criticamente (dezembro)
- Ajudar o aluno a tirar o máximo da leitura (janeiro de 2012)

te, segundo o autor, pode usar recursos didáticos independentes de preferências pedagógicas para aumentar o desempenho de alunos de escolas normalmente frequentadas por crianças pobres, com ações tomadas majoritariamente em sala de aula.

Nessa primeira de uma série de dez reportagens especiais sobre a proposta do professor estadunidense, a *Profissão Mestre* buscou opiniões e testou as técnicas para melhoria de desempenho com aumento das expectativas acadêmicas – assunto do primeiro capítulo (veja os próximos temas nos quadros desta reportagem).

Esmiuçando as técnicas

No primeiro capítulo, Lemov cita pesquisas que comprovam a susceptibilidade da docência ao “efeito pigmaleão” (o que você espera com relação a um determinado número de pessoas pode induzir o acontecimento de eventos, como se fossem profecias autorrealizáveis). Num grupo de professores que trabalhou com a mesma turma, metade recebeu a informação de que eram bons alunos, enquanto para a outra se informou que eram desinteressados. Ao cabo do ano letivo, nas aulas dos primeiros docentes, o desempenho foi melhor do que nas dos últimos.

Contudo, para o autor, aumentar expectativas acadêmicas com relação à capacidade dos alunos não implica apenas elevar a carga de conteúdo. O manejo da sala de aula é igualmente importante na criação das expectativas, tema atendido pelas cinco técnicas sugeridas no capítulo (veja o quadro de resumo das técnicas).

Para a consultora educacional Guiomar, a primeira tarefa para usar as técnicas de aumento das expectativas acadêmicas é convencer os alunos de que eles são capazes de realizar mais, mas que devem se esforçar para atingir os padrões de crianças que vieram de condições sociais privilegiadas.

Resumo das técnicas para criar altas expectativas acadêmicas

“Sem Escapatória” – Quando um aluno se mostra incapaz de responder a uma pergunta, o professor deve começar com uma sequência de questionamentos à turma, que termina apenas quando esse primeiro aluno responder corretamente, mostrando que ele não poderá fugir da busca às soluções ao problema proposto.

“Certo é Certo” – A segunda técnica sugerida consiste em estabelecer um padrão de exatidão a ser atingido em todas as respostas dadas durante as participações na aula, induzindo o aluno a atingir a exatidão quando o que diz é “quase certo”. E mesmo quando a resposta é correta, pode-se solicitar que discorra mais sobre o tema, incentivando a cognição e o raciocínio.

“Puxe Mais” – O professor deve criar a sensação de que novas perguntas são recompensas a perguntas certas, o que evita aos alunos a falsa sensação, após uma única resposta correta, de que eles dominam o conteúdo e também estimula a busca por mais conhecimento.

“Boa Expressão” – Lemov explica que, quando respondem, os alunos costumam empregar a sua linguagem corriqueira. Ao professor cabe criar condições acadêmicas e solicitar as respostas com os termos “corretos” e típicos da disciplina, comunicando o seu conhecimento com a “linguagem de oportunidade”.

“Sem Desculpas” – Recomenda-se ao professor jamais usar escusas por uso de conteúdos considerados, por senso comum, como difíceis demais para a turma ou chatos. Para demonstrar que acredita no potencial dos alunos, o professor não pode atribuir determinados temas a elementos externos, como à direção escolar. Antes, deve buscar o desempenho dos alunos.

Para tanto, o professor cobrará esse desempenho, em um trabalho conjunto. “O ser humano tem a tendência de ir para o caminho mais fácil e que exige o menor esforço. Na técnica ‘Puxe Mais’, por exemplo, o docente deve mostrar que o aluno pode mais e deve tentar, sempre tendo a clareza de até onde pode exigir. Essa tarimba se desenvolve com a prática docente e com o uso de recursos didáticos”, explica.

O primeiro capítulo é a base para um dos fundamentos de todo o trabalho, segundo Guiomar, que é o estabelecimento do vínculo produtivo entre professor e aluno. “Não é de caráter paternal ou maternal, pois ninguém suporta ver o filho errar. Não é de cliente, nem de iguais, mas também não pode ser totalmente hierárquico. Na técnica ‘Sem Escapatória’,

o professor induz o aluno a enfrentar, obrigatoriamente, uma situação. Em conjunto com a ‘Certo é Certo’, o aluno pode até levar a atitude para outras aulas”, acredita.



Para **Guiomar Namó Mello**, técnicas ajudam a mostrar ao aluno modos mais eficazes de interagir com o conhecimento e com o processo de aprendizagem

Uso na realidade brasileira

De acordo com a professora, em algumas áreas o foco do ensino-aprendizagem no Brasil sempre esteve nas condições sociais do aluno, do docente ou na forma como elas influenciam nesse processo. “O professor não muda as origens e a vida dos alunos de imediato, mas

Eu testei

“Apliquei as técnicas para se criar altas expectativas acadêmicas em turmas do 7º ano do ensino fundamental, em um colégio particular da cidade de Guarulhos (SP). Embora ainda sejam necessárias observações mais cuidadosas, a proposta tem bastante potencial para funcionar devido à realidade educacional e à organização escolar brasileira. Se tivéssemos condições mais favoráveis à reflexão no ensino-aprendizagem, com possibilidades de pesquisas de campo, ou se pudéssemos nos dar ao luxo de usar três aulas por mês para fazer pesquisas orientadas, por exemplo, as técnicas provavelmente não seriam o melhor recurso. Com a realidade de lecionar das nossas escolas, as práticas didáticas se mostram adequadas.”



Tiago José de Biagio, professor de História das redes pública e privada da capital paulista e especialista em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

pode mostrar outro modo de interagir com o conhecimento e com o processo de aprendizagem. Isso faz a diferença”, defende.

E como técnicas didáticas podem ser usadas para aumentar as expectativas tanto de alunos quanto de professores? Para Guiomar, o momento atual é propício, pois com o desenvolvimento econômico dos últimos anos, “a ascensão das classes C e D, com acesso a novos bens materiais e culturais, despertou uma ambição que pode ser uma matéria-prima interessante para começar a construir essas expectativas”.

Para a educadora, o grande entrave, contudo, é a formação do professor. Na sua avaliação, a educação básica no Brasil nasceu atendendo a uma minoria, e quando começou a se expandir, especialmente após a década de 1960, o governo percebeu que deveria aumentar mui-

to rapidamente o quadro de professores, disponibilidade e materiais didáticos. Como não possuía uma base sólida e as universidades públicas (mais aptas à época para a formação de professores) não assumiram tal responsabilidade, as faculdades particulares ocuparam a lacuna por uma questão de oportunidade de mercado, com muita ênfase teórica e quase nenhuma em técnicas de ensino. “Nada contra ser na iniciativa privada, mas isso ocorreu sem um acompanhamento ou uma política de formação dos professores. O futuro docente não aprende a ensinar e a culpa não é necessariamente dele, pois é tratado como mais um aluno que pretende ser docente. Se ele chega à faculdade sem saber ler e escrever, ninguém, assim como acontece na educação básica, ninguém vai ensiná-lo ou procurar corrigir o atraso”, conclui.

Na próxima edição, as técnicas de planejamento

Algumas técnicas de planejamento não são percebidas dentro da sala de aula. Contudo, são fundamentais para que as demais funcionem. A “Comece Pelo Fim”, por exemplo, viabiliza e facilita o uso de “Sem Desculpas” e “Sem Escapatória”, por exemplo. Na próxima edição, a reportagem da *Profissão Mestre* abordará as seis sugestões de planejamento, que prometem atingir um bom desempenho acadêmico:

“Comece pelo fim” – Antes de planejar uma atividade para a aula, deve-se estabelecer os objetivos e, a partir de então, elaborar as práticas didáticas.

“Quatro Critérios” – Determinação de objetivos úteis e eficazes com base em viabilidade, mensurabilidade, possibilidade de guiar as atividades e na priorização do que é mais importante para a aprendizagem.

“Deixe Claro” – Esclarecer a todos os objetivos da aula, com a recomendação de escrevê-los no quadro para que todos identifiquem o propósito do dia.

“O Caminho Mais Curto” – Se duas ou mais atividades forem elaboradas para atingir os objetivos de uma determinada aula, convém usar a mais simples.

“Planeje em Dobro” – Elaborar o plano de aula com uma sequência planejada de objetivos, como avaliar resultados entre esses objetivos, acrescentando projeções de dúvidas comuns aos alunos em cada um desses temas para prever como respondê-las.

“Faça o Mapa” – Tomar para o professor o controle do espaço físico da aula, incluindo no plano de aula a organização das carteiras, independentemente da preferência pedagógica.

O TESTE DA REPORTAGEM

A *Profissão Mestre* aplicou as técnicas do primeiro capítulo do livro em uma turma de 20 alunos do 5º semestre de Jornalismo do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo, instituição de ensino superior da capital paulista. As aulas ocorreram na disciplina História Contemporânea, que contém temas comuns, embora de abordagem diferente pela faixa etária, a cursos do ensino fundamental II e ensino médio. A escolha da turma se baseou nas condições apresentadas por Lemov. Nas escolas para crianças pobres nos Estados Unidos o objetivo é entrar num curso superior, o que confere boa mobilidade social. Diferentemente daquele país, quando uma pessoa chega a uma faculdade ou universidade no Brasil ainda dependerá do fator empregabilidade. Além disso, os alunos de boa parte das instituições privadas são normalmente oriundos da deficitária rede pública, com repertório escasso em relação aos colegas das universidades federais e estaduais.

A primeira impressão de um repórter-docente ao ler as propostas de Lemov é que o autor está excessivamente preocupado com a otimização do tempo e que estimula em demasia, em termos até mercadológicos, a competição entre os alunos. Inicialmente, o livro aparenta ser muito bom para a formação de mão de obra, e não de cidadãos. Mas um exame mais detalhado torna a proposta justificável, no entanto, ao considerar que as técnicas foram coletadas da experiência de docentes estadunidenses que criaram para seus alunos, maioria de negros e/ou latinos, melhores condições de entrada no ensino superior daquele país, com apelo para a melhoria das condições de vida, comunicação e reflexão. Com mais cuidado na leitura, percebe-se que as técnicas não representam o reforço de dicotomias pedagógicas – trata-se de analisar a turma para planejar o curso e usar recursos didáticos adequados a esse grupo.

Todas as técnicas foram usadas pela primeira vez com estudantes de melhor rendimento e atenção, para não chocar. Posteriormente, foram estendidas ao restante da turma. No caso de “Sem Escapatória”, uma aluna mais dispersa recusou-se a responder, mas com o envolvimento de outras pessoas e a última palavra para essa mesma aluna, ela se mostrou mais interessada. O debate, a partir de então, melhorou. Realmente funciona.

Em “Certo é Certo” e “Puxe Mais”, a exigência de aumento de repertório caiu também sobre o professor. O vocabulário dos alunos é muito peculiar à região de São Paulo em que cada um vive e os termos em comum são jornalísticos. Para um conteúdo de História, em que usar o termo América Portuguesa em vez de Brasil Colônia, por exemplo, faz enorme diferença, foi necessário abrir grandes parênteses na aula, com recomendação de outras leituras fora do programa e de atividades. Se o professor não “puxar mais de si”, se não estiver preparado para lidar com essas situações fora do seu planejamento, pode se complicar.

“Boa Expressão” mostrou-se eficaz apenas em termos específicos da disciplina, mas com um ar de pedantismo. Os alunos prezam bastante pela sua própria expressão verbal, o que não é de se condenar, pois a própria Língua Portuguesa com a qual convivem desde o ensino fundamental é ensinada com uma norma culta e uma prática coloquial. “Sem desculpas” já era uma prática do professor, usada muito mais na apresentação do planejamento do que nas aulas cotidianas.

No final das contas, percebeu-se que as técnicas de manejo de sala de aula são muito interligadas. “Sem Escapatória”, “Certo é Certo” e “Puxe Mais” se completam muito bem e, em alguns momentos, sequer é possível empregá-las separadamente. Convencer os alunos de que

eles precisam correr atrás de um prejuízo é certamente a tarefa mais fácil. Com o esclarecimento dos objetivos do curso no primeiro dia de aula, eles se sentiram motivados e dispostos, o que resultou, conseqüentemente, na cobrança para que tudo seja realizado. Depois de aceitarem o desafio, eles passaram a exigir serem cobrados e que o planejamento fosse seguido. A cada aula verificaram se cada um dos objetivos apresentados foi cumprido. Mais importante do que o aluno é o docente acreditar no que está fazendo, senão pode cair em descrédito com a turma.

Ficou claro, também, que a implantação das técnicas depende muito do grupo discente, da empatia com o docente, das preferências do professor e de suas aptidões didáticas. Inicialmente, surgiu uma preocupação epistemológica, pois a ideia de metas está muito ligada à educação liberal para mera formação de mão de obra. Pelo menos as técnicas do primeiro capítulo aparentam ser realmente bastante flexíveis, adaptáveis a qualquer conteúdo, organização escolar ou filiação pedagógica.

Contudo, fica claro que, embora o autor separe as técnicas por partes, é imprescindível a integração entre as sugestões para o aumento de expectativas com as práticas didáticas de outros capítulos, especialmente os voltados à estruturação das aulas e planejamento do curso. Não é possível usar técnicas para criar altas expectativas sem as de planejamento descritas no capítulo 2. ■

O repórter **Fabio Venturini**, também historiador e professor universitário na área de Comunicação Social, do Centro Universitário Estácio Radial, de São Paulo (SP), testou as técnicas para esta reportagem com alunos do curso de Jornalismo.

O que achou desta reportagem?

Mande elogios, críticas e sugestões para editorial@humaneditorial.com.br



@istockphoto.com

PLANEJAMENTO DEPENDE DE ADAPTAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE AULA

Segunda reportagem da série Aula Nota 10, sobre técnicas de planejamento das aulas, mostra como proposta de Doug Lemov é provocadora, porém efetividade depende da inserção na realidade do professor

"Ninguém consegue usar todas as técnicas e o docente tem que tirar o que é bom. Elas têm que ser algo que ajude e de forma fácil; têm que facilitar." Assim o professor Tadeu da Ponte define como as técnicas propostas no livro *Aula Nota 10 – 49 Técnicas para Ser um Professor Campeão de Audiência*, de Doug Lemov, podem ajudar o professor na preparação e, especialmente, no planejamento de suas aulas, tema do capítulo 2 da

obra (*Planejar para Garantir um Bom Desempenho Acadêmico*) e dessa segunda reportagem da série realizada pela *Profissão Mestre*.

O educador usa as técnicas propostas por Lemov há dois semestres, antes mesmo do livro ser lançado no Brasil. Em uma viagem a trabalho aos Estados Unidos, o professor de Cálculo em cursos superiores, no Insper – Instituto de Ensino e Pesquisa, em São Paulo (SP), verificou na mídia local

um caloroso debate sobre o desempenho de alunos em função da qualidade didática dos professores, com pesquisas quantitativas de que os docentes de maior desempenho ensinam em um ano o conteúdo equivalente a três semestres, enquanto os piores, no mesmo período, passam o conteúdo referente a seis meses.

Os dados, baseados nas avaliações externas internacionais (organizadas principalmente pelo Banco Mundial),

levaram pesquisadores estadunidenses a concluir que se, de todos os docentes, os 5% mais fracos fossem substituídos por outros de desempenho médio, a colocação dos Estados Unidos em provas como o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa, de *Programme for International Student Assessment*) subiria para segundo ou terceiro posto. Contudo, a outra conclusão era de que não havia professores para substituição, pois os bons e médios já estavam empregados e sem disponibilidade. A solução encontrada foi investir no aperfeiçoamento didático dos professores de menor desempenho, tornando a conclusão do livro de Doug Lemov um evento de expectativa entre especialistas em educação naquele país.

Com experiência em cursos pré-vestibulares, em 2010, Ponte adquiriu a edição em inglês e implantou as técnicas em suas turmas. Para ele, o maior mérito da obra é fazer com que o docente pense a aula em técnicas, a partir da didática, além de suas convicções pedagógicas, o que ajuda a melhorar o próprio desempenho e corrigir pontos que a autocrítica aponta como frágeis. “As técnicas são bem compreendidas como um todo. O autor não escreveu o livro para um nível especial, básico ou superior, mas para o professor em geral”, avalia, enfatizando que tinha como desafio pessoal, desde os tempos de professor de cursinho, aumentar o nível de atenção e concentração dos seus alunos.

Ele selecionou algumas técnicas de planejamento (capítulo 2), de estruturação de aulas (capítulo 3) e de estabelecimento de expectativas de desempenho (capítulo 6). “Além da ideia da ‘Comece pelo Fim’, de planejar de trás para frente com base nos objetivos estabelecidos, a ‘Planeje em Dobro’ me ajudou bastante, pois, com a experiência adquirida com o tempo nas aulas de Cálculo, eu dei atenção prévia aos pontos em que o aluno normalmente pode errar. Essa técnica combinada com as de estruturação de aula, como ‘Circule’ e ‘Quadro=Papel’, e a ‘Padrão 100%’, funcionaram bastante”, conta.

O Insper possui um programa de aperfeiçoamento didático em que docentes assistem as aulas de colegas e fazem observações. Após selecionar e empregar as técnicas que julgou mais adequadas, Ponte solicitou à colega de instituição que seria sua avaliadora para verificar especificamente a atenção e concentração da turma. “Tive um retorno superpositivo. A professora afirmou que a concentração da turma, no geral, foi bem alta, com a perda apenas em dois momentos, quando respondi diretamente a dois alunos que levantaram dúvidas específicas”, conta.

O professor também demonstra que a implantação, mesmo individual, é um trabalho que leva tempo. Ele afirma que no primeiro período letivo em que empre-

gou as técnicas não conseguiu fazer tudo como gostaria, mas aprendeu ao tentar as melhores maneiras de aplicar as técnicas. “Em 2011, acho que estou conseguindo melhoras em alguns pontos que eu tinha dificuldade”, acrescenta.

Cuidados na implantação

As experiências e as análises sobre as técnicas do segundo capítulo do livro mostram que ao se aprofundar na implantação das propostas de Lemov em sala de aula, o professor deve considerar as peculiaridades da sua própria prática pedagógica, além das características do seu conteúdo e da organização escolar, uma vez que, como o próprio autor define, são técnicas usadas

Resumo das técnicas de planejamento para garantir um bom desempenho acadêmico

“Comece pelo Fim” – Antes de planejar uma atividade para a aula, deve-se estabelecer os objetivos e, a partir de então, elaborar as práticas didáticas. Envolve progredir do planejamento da unidade de conteúdo para o plano de aula, usar objetivos bem definidos para estabelecer as metas de cada aula, determinar como avaliar a eficácia para atingir os objetivos e decidir a atividade.

“Quatro Critérios” – Determinação de objetivos úteis e eficazes com base em viabilidade, mensurabilidade, possibilidade de guiar as atividades e na priorização do que é mais importante para a aprendizagem, garantindo simplicidade e eficácia das práticas pedagógicas empregadas.

“Deixe Claro” – Esclarecer os objetivos da aula, com a recomendação de escrevê-los no quadro para que todos que estejam em sala (além dos alunos, colegas professores ou gestores) identifiquem o propósito do dia. A ideia é dar ao docente um retorno rápido se está alcançando os objetivos que ele mesmo propôs para reformular rumos da aula e aproveitar melhor o tempo.

“O Caminho Mais Curto” – Se duas ou mais atividades forem elaboradas para atingir os objetivos de uma determinada aula, convém usar a mais simples. A prática pedagógica mais efetiva não é necessariamente a mais divertida ou criativa, porém a mais simples é a que levará aos objetivos propostos em menor tempo (que também pode ser divertida e criativa).

“Planeje em Dobro” – Elaborar o plano de aula com uma sequência planejada de objetivos, como avaliar resultados entre esses objetivos, acrescentando projeções de dúvidas comuns aos alunos em cada um desses temas para prever como respondê-las, de modo a manter os alunos constantemente engajados com a aprendizagem.

“Faça o Mapa” – Planejar a distribuição de carteiras de modo que o professor tenha controle total do espaço físico da aula, independentemente da preferência pedagógica – seja em aula expositiva (normalmente com disposição em fileiras simples ou duplas), seja em atividades em grupo ou em debates dirigidos.

Eu testei

“As técnicas comparadas na diversidade das minhas turmas mostram que a ideia é ótima, mas para o professor brasileiro é controversa. ‘Comece pelo Fim’, por exemplo, torna-se até paradoxal na situação atual das escolas e do dinamismo da educação no País. Na rede particular, a gente vive uma situação de mercado que aprisiona o objetivo. Se o pai do aluno disser que a aula é chata, o professor ‘está pego’, não importa como planejou o objetivo. Sobre a técnica ‘Planeje em Dobro’, com 40 aulas semanais, em quatro escolas e turmas de perfis totalmente diferentes, percebi que é humanamente inviável planejar mais do que o permitido pelas 24 horas do dia. Na técnica ‘Quatro Critérios’ foi pior, especialmente nas escolas públicas, pois as secretarias de educação e o MEC mandam tudo bem amarrado para a instituição não ‘perder tempo’ planejando objetivos. Para implantar essa técnica e fazer funcionar, professores e gestores precisam de uma autonomia que não têm. ‘Deixe Claro’ funciona na turma de ensino médio técnico em Turismo, pois quando os objetivos da aula de História foram explicitamente descritos, com um sentido funcional na futura profissão dos alunos, até o interesse dos estudantes aumentou.”



Tiago José de Biagio, professor de História das redes pública e privada da capital paulista e especialista em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

durante a preparação das aulas e que pouco se percebem em sala.

Sugestões que envolvem estrutura física da instituição de ensino, como a técnica “Faça o Mapa”, por exemplo, dependem também da organização escolar. Além disso, segundo Tadeu da Ponte, se mais professores usarem as técnicas, o aluno pode se habituar a elas em todas as aulas. “A coordenação pode ter influência indireta para melhorar os resultados”, avalia.

Mesmo que seja possível potencializar com envolvimento de gestores, a forma de implantação, contudo, pode ser motivo de preocupação. Na edição de março da *Profissão Mestre*, uma das questões levantadas na entrevista exclusiva com Paula Louzano, consultora e revisora técnica da edição brasileira, foi o risco de a obra de Lemov ser usada por imposição. A resposta da educadora foi enfática: “Não é para o docente mudar suas convicções e esperamos que o livro não se torne um debate ideológico, tampouco um manual. Ele traz de volta a ideia de que a didática é importante e foi abandonada, que é algo aprendido.”

Pois são justamente os sinais de que o livro começa a ser recebido do modo não recomendado que preocupa a também consultora educacional Emília Cipriano, do Instituto Aprender a Ser, de São Paulo (SP). Em uma primeira análise do livro, a professora afirma que é provocador, e que o autor segue uma coerência bem firme dentro da sua linha de raciocínio. “Não se deve criticar sem conhecer mais a fundo, sem uma pesquisa mais detalhada, porém é preocupante quando participo de eventos com gestores de todo o Brasil e alguns me dizem que com esse livro eles agora têm uma referência para cobrar seus professores”, analisa.

Para Emília, “o ideal seria que se desenvolvessem trabalhos semelhantes no Brasil, considerando a realidade escolar e o trabalho do docente daqui”. O que não deixa de ser parcialmente ratificado pela própria equipe da Fundação Lemann. Em evento de apresentação da obra para estudantes de Pedagogia da Universidade Anhembi-Morumbi, em março passado, as professoras Guiomar

Namo de Mello, Paula Louzano e Ilona Becskéházy receberam o mesmo questionamento e responderam que concordam ser o ideal, mas como nada semelhante foi feito no País, combinada com a necessidade imediata de dar suporte didático ao docente, a obra de Lemov, que despendeu mais de cinco anos para ser produzida, é um caminho interessante até que algum trabalho semelhante, realizado dentro das peculiaridades do Brasil e suas regiões, seja estruturado e publicado.



Foto: pessoal

Emília Cipriano, coordenadora do Instituto Aprender a Ser: “O ideal seria que se desenvolvessem trabalhos semelhantes no Brasil, considerando a realidade escolar e o trabalho do docente daqui”



Foto: Venturini

Segundo **Tadeu da Ponte**, pensar por técnicas é a grande proposta e o professor pode extrair o que é mais adequado às suas necessidades didáticas

O TESTE DA REPORTAGEM

Nas técnicas de planejamento, “Comece pelo Fim” é a técnica-chave do capítulo. Contudo, não funciona tão bem com o planejamento de aulas isoladas. A sugestão foi mais efetiva a cada encontro com a turma por conta do estabelecimento prévio dos objetivos de todo o período letivo, com a apresentação detalhada aos alunos no primeiro dia de aula. Esse procedimento tomou mais tempo do que o comumente despendido no planejamento do semestre, porém tornou a estruturação do curso mais clara aos alunos e facilitou tanto a estruturação das atividades de cada aula a partir do fim (objetivos) quanto a elaboração das avaliações.

“Deixe Claro”, por sua vez, é a técnica mais efetiva de planejamento. Já havia usado anteriormente sem ser de forma sistemática. Contudo, ao colocar habitualmente os objetivos num canto do quadro, a turma acompanhou melhor o conteúdo e também desenvolveu o hábito de participar do direcionamento das exposições e debates em função dos objetivos. Deve-se ressaltar que a turma foi cuidadosamente escolhida para avaliar as técnicas. São alunos que não costumam ter desempenho baixo para o nível de ensino em que se encontram e sabem bem o que querem com a sua formação. As vantagens devem ser nitidamente mais demoradas com turmas menos envolvidas.

“O Caminho mais Curto”, assim como “Quatro Critérios”, já era prática do docente, complementadas pelo hábito próprio de sempre ter duas ou três atividades preparadas para atingir objetivos de naturezas distintas (estimular a reflexão, entendimento de conceitos básicos, treinar habilidades de pesquisa/apuração e análise de prática de trabalho em Comunicação). Quando alguma delas se mostra mais ade-

quada aos objetivos e ao ânimo da turma numa determinada aula, substitui a planejada, mesmo que a decisão seja de última hora. O relacionamento com os alunos em sala é flexível e mudanças no planejamento podem ser variáveis úteis do processo de aprendizagem. Com a combinação dessas duas técnicas com “Comece pelo Fim”, quando tais mudanças ocorreram, o professor precisou de alguns minutos do início da aula para justificá-las. O tempo é primordial, mas não pode ser o fator preponderante e, inadvertidamente, sobreposto a todo e qualquer outro aspecto diferente.

“Planeje em Dobro” foi útil na apresentação do conteúdo, mas não se mostrou um diferencial na condução da aula, pois tornou algumas atividades mais discursivas do que provocadoras do debate. Nessa turma (e pelas características do docente), na relação com o seu conteúdo, “Sem Escapatória” (técnica do capítulo 1) permitiu resultados mais efetivos.

“Faça o Mapa”, aparentemente, é mais suscetível à organização da instituição de ensino. Doug Lemov sugere disposição em fileiras de duplas, mas no Brasil nem sempre o professor pode se dar esse luxo. Em escolas particulares é mais comum a sala de aula ser usada por uma ou pelo menos poucas turmas, semelhante ao sistema estadunidense. Portanto, essa técnica é mais viável principalmente com o envolvimento da direção. Já nas escolas públicas, com uma sala recebendo pelo menos três turmas em turnos diferentes, é inadequada, a não ser que se adote um padrão arbitrário e não necessariamente adequado a todos professores.

Na turma avaliada, de nível superior, essa técnica foi simplesmente inviável, pois a sala de aula não é usada todos os dias por esses alu-

nos (muitas aulas são em estúdios e laboratórios) e tem um número excessivo de carteiras ocupadas em função da sua área útil. Apenas a manutenção de estreitos corredores foi conseguida. Para dominar o espaço é mais fácil usar outros recursos pertinentes ao contexto, como organizar esporadicamente círculos ou grupos em contexto específicos a cada aula. Inclusive a técnica “Comece pelo Fim”, a mais efetiva do capítulo nessa situação, teve de ser adaptada aos espaços e recursos disponíveis.

Em geral, a essência das técnicas, que é o melhor aproveitamento do tempo, oferece o risco de carregar as aulas com muitos objetivos e conteúdos. Alguns ajustes do planejamento foram necessários após poucas semanas de aula, o que também se atribui ao ineditismo de estruturação de técnicas de didática como fator tão preponderante. ■

Na próxima edição, as técnicas para estruturação de aulas

Na proposta de Doug Lemov, após definir o planejamento fora de sala, as aulas podem ser estruturadas para obter mais desempenho e aprimorar o maior número de habilidades possível, com controle do tempo e estímulo ao trabalho cognitivo. As técnicas do capítulo 3 são voltadas a esse aspecto. Elas são denominadas: “O Gancho”, “Dê Nome às Etapas”, “Quadro=Papel”, “Circule”, “Divida em Partes”, “Proporção”, “Entendeu?”, “Mais uma Vez”, “Arremate” e “Tome Posição”.

O repórter **Fabio Venturini**, também historiador e professor universitário na área de Comunicação Social, do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo (SP), testou as técnicas para esta reportagem com alunos do curso de Jornalismo.

O que achou desta reportagem?

Mande elogios, críticas e sugestões para editorial@humaneditorial.com.br



PELA PROGRESSÃO DO TRABALHO COGNITIVO

Em capítulo sobre estruturação de aulas, Doug Lemov propõe técnicas para que o professor transfira de modo escalonado a responsabilidade do trabalho cognitivo em sala de aula para o aluno

Embora não exista uma divisão rígida entre as técnicas sugeridas por Doug Lemov no livro *Aula Nota 10 – 49 Técnicas para Ser um Professor Campeão de Audiência*, pois todas são complementares dentro da proposta do professor estadunidense, a sua organização deixa claro que o trabalho começa com o docente e passa paulatinamente aos alunos. Inicia-se com o aumento da expectativa acadêmica, transita pelo planejamento e, no terceiro capítulo, a ideia é estruturar as aulas para que o trabalho cognitivo termine sempre com o aluno.

Essa progressão foi resumida por Lemov como “Eu/Vocês/Nós”, ou seja, as tarefas começam com o docente, que apresenta os princípios. Em uma etapa posterior são feitas em con-

junto e devem terminar com a turma realizando as atividades com autonomia. “Isso é algo básico. Até quando uma pessoa ensina outra a fazer um bolo o procedimento de transmissão desse conhecimento é semelhante”, acredita Ilona Becskeházy, diretora executiva da Fundação Lemann, entidade responsável pelo lançamento da obra no Brasil.

Segundo Ilona, um dos pontos importantes desse capítulo é o controle de como o conteúdo é recebido em aula, garantindo que os alunos absorvam quantidades adequadas de conhecimento. “Se você monta uma aula com altas expectativas, planeja bem, mas não controla como está sendo feito, você não garante a equidade no ensino. O professor não pode se eximir de ensinar para todos os alunos.



Ilona Becskeházy: “Se você monta uma aula com altas expectativas, planeja bem, mas não controla como está sendo feito, você não garante a equidade no ensino”

Agência Perspectiva – Rubens Chiri

Esse capítulo é muito nessa linha, de como se garante isso”, analisa.

As organização do capítulo evidencia essa proposta, com técnicas especificadas como as do “Eu” (“O Gancho”, “Dê Nome às Etapas”, “Quadro=Papel” e “Circule”), do “Nós” (“Divida em Partes”, “Proporção” e “Entendeu?”) e as técnicas do “Vocês” (“Mais uma vez”, “Arremate” e “Tome Posição”).

Para a diretora, no entanto, algumas delas extrapolam o desenvolvimen-

to cognitivo para comportamentos fora de sala, como por exemplo a “Tome Posição”. “Ela é importante no desenvolvimento da reflexão e da oratória, na participação em debates respeitosos e embasados. Fora da escola, muitas pessoas partem para o ataque pessoal diante de opiniões contrárias, desqualificam o interlocutor ou mesmo não tomando posição. Essa prática deve ser feita na escola, para qualificação do debate respeitoso em qualquer âmbito”, acredita.

Resumo das técnicas para estruturar e dar aulas

“O Gancho” – Usar um curto momento introdutório para despertar a atenção dos alunos pelo assunto que será desenvolvido durante a aula, com recursos como uma música, uma encenação ou uma brincadeira com os alunos.

“Dê Nome às Etapas” – Dividir tarefas mais complexas em etapas simples, devidamente nomeadas, para facilitar que os alunos se lembrem de todas elas na resolução de um problema e busca de objetivo.

“Quadro=Papel” – Apresentar o assunto da forma como o professor gostaria que os alunos copiassem. O objetivo é facilitar o uso dessas anotações como instrumento eficaz no sentido de relembrar o conteúdo. O caderno pode ser uma “réplica exata dos resumos que o professor apresentou no quadro”

“Circule” – Mover-se estrategicamente na sala de aula para romper a barreira imaginária que separa professor e alunos, ter acesso total ao que os estudantes estão fazendo, realizar intervenções precisas e oportunas no momento que julgar melhor e tomar para si o domínio do espaço.

“Divida em Partes” – Quando o aluno tem dificuldade na solução de um problema, o docente pode dar dicas de acordo com o nível de conhecimento apresentado pelo aluno (exemplos, contextualização ou apresentação de regras), de modo que ele chegue por processo cognitivo ao resultado.

“Proporção” – Aumentar a porcentagem de trabalho cognitivo do aluno durante as atividades para atingir os objetivos, com perguntas que levem ao aprofundamento de pensar e analisar novos conteúdos.

“Entendeu?” – Verificar constantemente a compreensão que os estudantes estão tendo durante a aula e, a partir desses dados, intervir imediatamente. Nunca deixar para depois ou esperar que os erros aconteçam para depois tentar uma ação corretiva.

“Mais uma Vez” – Usar a repetição para refinar as habilidades mais básicas que o aluno precisa demonstrar em uma determinada disciplina, ao final de cada aula.

“Arremate” – Um complemento de “Entendeu?” e “Mais uma Vez”; é quando o docente apresenta uma questão ou uma curta sequência de problemas para resolver ao término da aula, a fim de coletar dados e orientar as repetições necessárias.

“Tome Posição” – Promover um ambiente em que os alunos julguem as respostas dos colegas, concordando ou discordando com respeito, para estimular a cognição e a reflexão sobre os conteúdos da aula.

Eu testei

“Gosto de trabalhar com a construção do conhecimento de uma forma que o aluno pense e reflita com as informações que tem. As técnicas me ajudam a organizar essa construção, no aprofundamento e no questionamento.

Situações de retomar o conteúdo com o aluno que deixa de responder [“Sem Escapatória”, capítulo 1], por exemplo, são muito úteis. Muito do que o autor propõe, eu já fazia. A disposição da minha sala, por exemplo, já era planejada e diferente das convencionais, não foi pensada após ler sobre a técnica “Faça o Mapa” [capítulo 2]. Porém, o livro ajudou a organizar os meus procedimentos e para dar clareza do que fazer. Não me fixo na nomenclatura e não planejo sistematicamente o momento de usar as técnicas. Concentro-me na ideia geral e as emprego quando é oportuno, adaptadas à situação posta na aula.

Eu passei a pensar melhor na forma de questionar os alunos e uso técnicas como “Divida em Partes”, “Sem Escapatória”, “Todos Juntos” [capítulo 4] e “Puxe Mais” [capítulo 1]. A circulação mais atenta também ajuda (“Circule”). Hoje faço com outro olhar, lendo o que eles escrevem e pegando subsídios para o momento de questionar a turma, escolher quem vai responder. O comportamento escolar deles melhorou, a dedicação e até a feitura da lição de casa aumentou. Não por disciplina, mas por engajamento.”



Gilne Gardesani Fernandez é professora da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vereador Manoel de Oliveira, em Santo André (SP). Ela usa as técnicas em todas as disciplinas (Ciências, Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática e Artes), com uma turma de 4º ano.

Didática no currículo

Um dos objetivos da Fundação Lemann é apontar caminhos para elaboração de

um currículo nacionalizado. A ênfase no livro de Doug Lemov se deve, também, à importância dada pela instituição ao te-

ma da didática nessa construção. Tanto que trouxe para o País a obra *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem – Novas Práticas Pedagógicas*, do professor português Rui Trindade, autor bastante conhecido desse lado do Atlântico e com filiação pedagógica bastante distinta da de Doug Lemov, que é ligado ao mundo dos negócios e com formação nessa área na Universidade de Harvard (EUA).

Baseada numa concepção natural do ser humano como originariamente tribal e que chegou ao estágio civilizatório atual pela capacidade de transmissão do conhecimento, Ilona Becskeházy afirma que as propostas didáticas devem ser colocadas também no detalhamento curricular, se possível nos níveis mais esmiuçados de detalhamento dos sistemas de ensino. “Cada cultura tem a sua forma de transmitir o conhecimento. Na nossa está com a família e um intermediário entre a sociedade e essas pessoas, que é o professor. O docente precisa saber que o que ele está passando para as gerações futuras é de interesse dessa sociedade tecnológica, desenvolvida etc. Tudo isso tem a ver com currículo”, defende a diretora.

A premissa é que, com a didática profundamente detalhada, o professor estaria, segundo Ilona, “liberado para se dedicar à parte mais nobre de seu trabalho, para que ele não queira reinventar a roda a cada aula”. ■

O teste da reportagem

O capítulo 3 apresenta técnicas que se complementam didaticamente e pedem as de outros capítulos. “Mais uma Vez” e “Arremate”, por exemplo, são praticamente a mesma. Por vezes não foi possível usá-las por uma questão de tempo, pois a turma analisada tem uma carga horária pequena para tratar de um assunto tão amplo quanto a História Contemporânea, e o aproveitamento de cada minuto é precioso. Quando isso acontece, o assunto pode ser fixado na aula seguinte, ao ser retomado com a técnica “O Gancho”. Esta, por sua vez, é uma técnica que já era empregada na introdução de conteúdos ou unidades novas, normalmente com uma música, um vídeo, um texto, ditados populares contextualizados ou até mesmo com o noticiário da semana. O que mudou foi incluir esse gancho no plano de ensino, prevendo, por exemplo, no início do período letivo, que na primeira aula da unidade sobre as ditaduras militares na América Latina seria apresentado o videoclipe ou o áudio da música *Vai Passar*, de Chico Buarque e Francis Hime. Reforça o conceito de adequar a atividade ao objetivo.

No sentido de controlar o que se apreendeu, “Circule” mostrou-se mais adequada, pois permite verificar de perto, na própria escrita, se a compreensão dos alunos foi a esperada. Antes de ler a proposta de Lemov, ela era realizada para conter intervenções inconvenientes, mais como controle disciplinar. Todos docentes que já conversaram com a reportagem relatam a mesma mudança: “Parei de circular para conter algum comportamento que julgo indesejável, que abre espaço para o aluno dominar a sala, e agora o faço quando acho pertinente do ponto de vista pedagógico”.

“Dê Nome às Etapas” e “Divida em Partes” são bastante úteis quando conceitos complexos são passados. Se essas técnicas não complementam, pelo menos servem muito bem como base para a técnica “Tome Posição”, já realizada anteriormente pelo docente. Afinal, quanto maior a compreensão, melhor será o embasamento para o debate. E como o aluno tem certeza de que o colega pode responder à altura, aumentou o cuidado da turma nas colocações, com maior respeito no debate.

A passagem do trabalho cognitivo para o aluno, sugerido em “Proporção”, já era usada pelo docente. Até por ser uma das diretrizes do curso, que é estimular a cognição, a reflexão e o debate, já faz parte do cotidiano.

A técnica “Entendeu?” ainda gera dúvida em como empregar, pois as horas de dedicação a uma turma são escassas para um levantamento altamente preciso de dados de todos os alunos fora dos períodos formais de avaliação. A organização da instituição de ensino deve prever a avaliação continuada para garantir a equidade e um funcionamento adequado desta técnica. Essa não é a realidade do ensino no Brasil, seja básico (especialmente na rede pública), ou superior, com agravantes nas instituições privadas que atendem alunos de renda média ou baixa. Para tal propósito, “Circule” foi mais efetiva.

O repórter Fabio Venturini, também historiador e professor universitário na área de Comunicação Social, do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo (SP), testou as técnicas para esta reportagem com alunos do curso de Jornalismo.

Na próxima edição, as técnicas para motivar os alunos nas aulas

Com o trabalho estabelecido na criação de expectativas acadêmicas, um planejamento profundo e aulas bastante estruturadas, Lemov parte para as técnicas para que os alunos se sintam motivados a se engajarem no trabalho em sala. Elas são apresentadas no capítulo 4, com os seguintes nomes: “De Surpresa”, “Todos Juntos”, “Bate-Rebate”, “Tempo de Espera”, “Todo Mundo Escreve” e “Plumas e Poetês”.

O que achou desta reportagem? Mande elogios, críticas e sugestões para editorial@humaneditorial.com.br



MOTIVAÇÃO PARA MELHORAR O DESEMPENHO

Técnicas do quarto capítulo da obra de Doug Lemov apresentam sugestões de como usar o conteúdo de forma estimulante, para participação dos alunos em debates e respostas a indagações coletivas

Doug Lemov abre o capítulo 4 do livro *Aula Nota 10 – 49 Técnicas para Ser um Professor Campeão de Audiência* afirmando que é possível motivar os alunos “trocando firulas por conteúdo”. Sem desdenhar de recursos artísticos ou até performáticos, os quais recomenda na técnica “Plumas e Paetês”, o autor mostra exemplos de organização dos questionamentos, para que os alunos se engajem no processo de aprendizado e melhorem seu rendimento.

Algumas das sugestões são aparentemente simples e corriqueiras. No Colégio Albert Sabin, “Plumas e Paetês” e “Todo Mundo Escreve” já fazem parte do dia a dia da escola. “Toda escola usa atividades lúdicas para dar movimento e brilho à sala de aula. Muitos de nossos professores também pedem que o aluno escreva a resposta antes de falar, como uma

espécie de degrau da reflexão”, explica a professora Giselle Magnossão, diretora da instituição.

Como Lemov enfatiza o engajamento do aluno no sentido de motivação, as técnicas do capítulo 4 podem ser centrais nessa proposta. A diretora, contudo, faz algumas ressalvas nessa abordagem. “Esse comportamento deve ser obtido com o aprimoramento da maneira como o aluno opera em sala de aula. O engajamento pode ser abordado como vinculação e participação e também como desenvolvimento profundo daquilo que está sendo trabalhado. Nesse sentido, usamos ‘Tome Posição’, ‘Proporção’ [ambas do capítulo 3] e ‘Plumas e Paetês’”, conta Giselle.

Para a educadora, no geral, o livro é estruturado em eixos interessantes, como a ênfase na sala de aula, a criação

de altas expectativas e o letramento como núcleo do trabalho escolar, mas algumas das técnicas têm potencial para criar



Humberto Franco

Para a professora Giselle Magnossão, deve haver cuidado no uso das técnicas para não gerar um clima desconfortável em sala

um clima indesejável em sala de aula, como a “De Surpresa” e “Circule” (capítulo 3), na qual o autor sugere que o professor sempre se aproxime por trás e veja o que o aluno está vendo.

“Em ‘Circule’ é como se fosse uma tocaia, estimulando um comportamento heteronômico, no qual o aluno age corretamente apenas quando estiver sendo vigiado. ‘De Surpresa’, dependendo do ritmo que o professor imprime, pode gerar estresse. À primeira vista, essas técnicas podem deixar as crianças tímidas e desconfortáveis”, acredita.

“Pontos de contato”

A professora Giselle foi convidada pela Fundação Lemann a avaliar a obra de Lemov e apresentar as impressões a um grupo de gestores de instituições particulares de ensino, em abril deste ano. Como principal gestora de uma instituição que atende alunos de classe média alta, da educação infantil ao ensino médio e com professores em boas con-

dições de trabalho comparando com a média nacional, verificou que há muitos aspectos apresentados pelo autor estadunidense que já são praticados em sua escola, descritos por ela como “pontos de contato”. O primeiro aspecto em comum é a ênfase no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado na sala de aula, que é, em sua opinião, o local de atualização de tudo que se propõe em termos de formação dos professores. A sala de aula é onde as coisas acontecem tanto para aluno quanto para docente. Nesse aspecto, a escola já usa, segundo a diretora, “Divida em Partes”, “Mais uma Vez” (ambas do capítulo 3, para estruturação de aulas), “Todo Mundo Escreve”, “Controle do Material” (capítulo 5, para criação de uma forte cultura escolar) e “O Que Fazer” (capítulo 6, de estabelecimento de altas expectativas de comportamento).

No que tange à disciplina, a criação do clima escolar (capítulo 5) reforça um tratamento rígido do ponto de vista aca-

Eu testei

“Não me fixo muito na nomenclatura e também não planejo sistematicamente o uso das técnicas. Concentro-me na ideia geral, no momento oportuno, e emprego as sugestões adaptadas à situação posta na aula. Até porque já fazia algumas das propostas do livro, como ‘Plumas e Paetês’.

No entanto, passei a refletir sobre como executava questionamentos aos alunos. Algumas técnicas foram aprimoradas para melhorar esse ponto. ‘De Surpresa’ é uma que uso bastante, normalmente quando meus alunos estão agitados. Quando levanto uma pergunta, eles sabem que qualquer um pode responder e isso contribui bastante.

Da mesma forma, uso ‘Tempo de Espera’. Sempre pego respostas ao aluno mais adequado, ao que sugere o momento da aula, muitas vezes baseada em informações colhidas durante a circulação em sala [referência à técnica “Circule”, capítulo 3].

Também uso esporadicamente ‘Todos Juntos’, para respostas curtas ou quando desejo fixar e diferenciar conteúdos que eles podem confundir, e ‘Bate-Rebate’ para retomar algum assunto, dar continuidade ou para revisões.

Creio que com algumas dessas técnicas a gente consegue fazer com que os alunos do fundamental I cheguem melhor nos níveis posteriores. Não são todas técnicas que servem, nem para tudo mundo, pois é algo muito individual. Elas dependem do professor, da disciplina e das condições de trabalho. Porém nada impede o seu uso e elas contribuem muito.”

Resumo das técnicas motivacionais

“**De Surpresa**” – Garantir que todos tenham a expectativa de serem chamados para responder a uma pergunta a qualquer momento da aula, mesmo os que não levantaram a mão indicando voluntariedade. Para tanto, o critério do professor sobre quem chamar deve ser sistemático e garantidor da equidade.

“**Todos Juntos**” – A turma toda responde em coro, desde que não seja para repetição de aforismos ou refrões. É indicada pelo autor como ferramenta para repetição de tópicos comportamentais acadêmicos, relatar resultados de tarefas concluídas, reforço de novas informações, revisão de conteúdo e resolução de problemas.

“**Bate-Rebate**” – Usar um tempo no início da aula com jogos de perguntas e respostas rápidas para exercitar a cognição, retomar e reforçar conteúdos, com o objetivo de fixar o conhecimento de aulas anteriores e, por consequência, facilitar a introdução de novos temas.

“**Tempo de Espera**” – Após fazer uma pergunta, aguardar alguns segundos para que os alunos pensem na resposta antes de pedir voluntários ou até mesmo escolher alguém para participar. Esse interstício ajuda na organização das ideias do aluno antes de falar perante a turma.

“**Todo Mundo Escreve**” – Também tem por objetivo fazer com que o aluno organize suas ideias antes de responder. Consiste em pedir para que as respostas sejam primeiramente redigidas para depois, uma vez bem pensadas e elaboradas, apresentadas à turma.

“**Plumas e Paetês**” – Realização de curtas apresentações ou atividades lúdicas, geralmente de viés artístico, performático ou audiovisual, seguindo um programa específico de aprendizado e com cuidados para que não se torne um evento tratado com desdém, displicência ou que se desvie dos objetivos da aula.



Gilne Gardesani Fernandez é professora da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vereador Manoel de Oliveira, em Santo André (SP). Ela usa as técnicas em todas as disciplinas (Ciências, Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática e Artes), com uma turma de 4º ano.

dêmico e cordial no trato. “Há a necessidade de criar um clima favorável à aprendizagem, cuja responsabilidade é de todos na escola. A instituição deve ser firme nos princípios e suave nos modos, com equilíbrio, serenidade. Deve conviver com os conflitos presentes na escola, os quais não devem ser eliminados, mas trabalhados”, afirma Giselle.

A coleta de dados para dar suporte ao professor também foi apontada como uma contribuição para a qualidade das aulas, com “Entendeu?” e “Arremate” (capítulo 3), consideradas interessantes dentro de sala. Além disso, a diretora ressalta que

o princípio da equidade é fundamental, com o processo de ensino e aprendizado contemplando a todos os alunos de uma turma.

Inquietações

Como diretora de um colégio de filiação sociointeracionista, a professora Giselle se diz preocupada com algumas sugestões que, segundo ela, baseiam-se em demasia na repetição. Embora boa parte das propostas já fosse utilizada, a obra foi colocada em debate entre gestores e coordenadores para avaliação de pressupostos e viabilidade de absorção de algumas das ideias que não

fazem parte do cotidiano do Albert Sabin. O trabalho está em andamento e deve incluir professores durante o segundo semestre desse ano.

Uma das principais preocupações é com a possibilidade de algum professor adotar o livro de forma não reflexiva, como uma espécie de manual, e a compreensão de conteúdos ser substituída pela memorização. “Lemov descreve a técnica e depois dá o exemplo, que algumas vezes desconstrói a própria técnica, com sugestão de recursos mnemônicos para construção de conceitos, memorização de resposta e não para construção do conhecimento”, alerta.

Mediante a ênfase constante de Doug Lemov no quesito de administração do tempo, Giselle avalia que deve haver cuidado no uso das técnicas para que não se perca o ritmo da sala de aula, preservando o tempo para o trabalho acadêmico propriamente dito e construindo o clima disciplinar adequado para aprendizagem. Porém, se mal usada, a mesma ferramenta pode gerar efeitos opostos aos pretendidos. “O autor enfatiza uma disciplina invisível. Na busca de economizar tempo, podemos criar um clima desconfortável e inadequado ou até mesmo criar uma escola neurótica. Os efeitos podem ser opostos ao desejado. A técnica é importante, mas todo o restante também. Ela é apenas parte do trabalho”, analisa a diretora. ■

O teste da reportagem

A proposta de Lemov para motivar os alunos é pertinente, porém requer muito cuidado do docente, pois elas estão no limiar entre algo lúdico, até mesmo artístico, e a abertura de enormes brechas a sátiras improdutivas dos alunos. Sempre cabe ressaltar que a turma observada pela reportagem é de um curso superior, com pessoas que, embora recém-saídas da adolescência, já carregam grandes responsabilidades e passam maior parte do seu tempo no trabalho. Por mais que a proposta de Lemov seja pertinente em outras situações, nesse cenário, “Todos Juntos” não foi bem recebida. Os alunos sentiram-se tendo um tratamento “pouco adulto”.

As demais técnicas são realmente bastante efetivas. Os resultados em “De Surpresa” lembram muito os de “Sem Escapatória” (capítulo 1), pois mostra à turma que todos estão para participar, independente do que aconteça em sala. É também, nesse capítulo, a de efeitos mais rápidos e evidentes, pois os alunos percebem a diferença de postura do professor ao escolher mesmo quem não se voluntariou a participar de uma questão sugerida em aula. Pela relação do docente com os alunos já de outros períodos letivos, não chegou a gerar tensões muito fortes, mas ficou evidente que são necessários alguns cuidados para que os alunos não se sintam pressionados, especialmente na combinação de “De Surpresa” com “Sem Escapatória”, pois alguns tiveram tal percepção e demo-

raram a perceber a postura como motivacional, não constritiva.

Todos esses alunos já tiveram aulas de História Contemporânea no ensino básico, porém na formação atual deles não basta saber, por exemplo, apenas qual país iniciou ou terminou determinado conflito militar. É necessário analisar o cenário construído nos recortes propostos, realizar observações críticas e profundamente embasadas, inclusive em preceitos filosóficos e na escrita da História. Nesse sentido, “Tempo de Espera” e “Todo Mundo Escreve” são extremamente úteis por auxiliar num dos pontos mais sensíveis nessas aulas, que é a organização das ideias antes da exposição. O debate também foi enriquecido.

“Bate-Rebate” é efetiva na fixação de alguns conceitos simples. Porém, em alguns momentos, deixou a sensação de ser voltada à memorização de sentenças curtas. Provavelmente essa técnica seja mais útil em conteúdos menos complexos que, mesmo fundamentais, tenham na memorização fundamento mais adequado. “Plumas e Paetês” já era usada pelo docente, muitas vezes combinada com “O Gancho” (capítulo 3) na apresentação introdutória da aula, dos objetivos e de novos conceitos.

O repórter Fabio Venturini, também historiador e professor universitário na área de Comunicação Social, do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo (SP), testou as técnicas para esta reportagem com alunos do curso de Jornalismo.

Na próxima edição, sugestões para criação de uma forte cultura escolar

Para Doug Lemov, os processos de ensino e aprendizagem são mais eficientes se os alunos se enxergarem dentro de um ambiente notoriamente acadêmico, voltado essencialmente à atividade escolar. Na próxima edição, serão tratadas as técnicas sugeridas pelo autor para construir essa cultura própria: “Rotina de Entrada”, “Faça Agora”, “Breves Transições”, “Controle do Material”, “Posso”, “Em Suas Marcas”, “Comunicação por Sinais” e “Vivas!”



A ESCOLA PRECISA SER ENVOLVIDA

Quinto capítulo do livro *Aula Nota 10* aborda técnicas para a criação de uma cultura escolar. Apoio ao professor mostra-se relevante para o sucesso das práticas

A estruturação que Doug Lemov deu ao seu livro *Aula Nota 10 – 49 Técnicas para ser um professor campeão de audiência* tem uma lógica evolutiva. Começa com a criação de expectativas acadêmicas, passa por planejamento, estruturação de aulas, motivação de alunos e, no capítulo 5, chega fatalmente à cultura escolar, quando o envolvimento dos discentes se aprofunda. Este é um determinante, na perspectiva do autor, para melhorar o desempenho acadêmico com o melhor uso do tempo.

Para atingir o objetivo que dá nome ao capítulo (“Criar uma forte cultura escolar”), cujas técnicas são voltadas a envolver os alunos e procedimentos regrados que centralizem

o uso do período de aula ao aprendizado, Lemov ressalta a necessidade de cinco princípios que orientam essa construção: disciplina, gestão, controle, influência e engajamento. Os significados, contudo, podem ser interpretados de modo diferente nos diversos contextos escolares.

Ele chama de “disciplina” o ato de ensinar a alguém a maneira certa para fazer alguma coisa de maneira certa, ou seja, mostrar ao aluno como ser aluno, para que ele saiba executar o que o docente pede. A ideia que permeia normalmente esse termo, na avaliação do próprio Lemov, consiste em reforçar comportamentos e gerir as relações internas da turma com consequências, sejam punições ou prêmios.

O autor, contudo, prefere designar tal conceito como “gestão”.

Os outros três princípios envolvem habilidades que o docente pode desenvolver. O “controle”, por exemplo, é a capacidade do professor de convencer o aluno a realizar uma tarefa independentemente de consequências e sem coerção, pedindo “com respeito, firmeza e confiança, mas também com civilidade e, geralmente, com delicadeza”.

A “influência” é uma espécie de conexão inspiradora para que os alunos desejem internalizar as sugestões do docente, que os estimulem a “dar certo e a querer estudar por razões intrínsecas às tarefas diante deles”. Já o “engajamento” é o envolvimento dos alunos com o trabalho proposto, com

a oferta de oportunidades para que eles realizem e formem suas opiniões e crenças após as atividades escolares.

Técnicas e princípios

Mesmo com o esclarecimento dos princípios, as propostas de Lemov mais voltadas a treinamentos e estabelecimento de regras deixam alguns educadores resabiados. Para a diretora pedagógica Débora Vaz – da Escola Castanheiras, na cidade de Santana do Parnaíba, na Grande São Paulo –, as propostas de Doug Lemov podem deixar a desejar se não forem consideradas as condições reais dos professores e das instituições de ensino. “Muito do que o autor sugere vejo em professores que já são engajados em ensinar os alunos a aprender”, afirma.

Segundo a avaliação da diretora, a proposta corre o risco de emperrar se não considerar o imponderável pertinente a cada instituição, a cada contexto de aula, e não tem espaço para uso direto e sem um debate. “O professor está num ambiente escolar que deve prezar por interesses compartilhados, respeito, aceitação de diferenças, solidariedade em atos, acolhimento, crença na construção coletiva de conhecimento e na ajuda e proteção mútuas. Intervenções muito coletivas geram perda de tempo didático”, acredita.

No que se refere especialmente a transições e deslocamentos, Débora reconhece que procedimentos organizados ajudam a poupar tempo. Além disso, ensinar a tomar notas, valorizando

Eu testei

“Mesmo antes de ter contato com o livro eu já tinha uma rotina bem estabelecida, mesmo sem uma sistematização tão detalhada. Meus alunos têm uma rotina semanal bem definida. Sabem qual aula terão em cada dia e arrumam as mesas antes das atividades, pois ninguém mais na escola usa essa disposição [duas fileiras em U]. Depois nos sentamos e fazemos uma leitura diário, conduzida por mim, em seguida a chamada, a verificação da lição de casa... É tudo já bem regrado.

Discordo algumas vezes das colocações do Lemov sobre treinar os alunos. Creio que algumas precisam de práticas repetitivas e outras não, mas também é necessário ter discernimento entre o que é conteúdo e o que é postura, pois o aluno deve ser aluno em qualquer lugar, independentemente do nível da escola e da sua condição social.

A organização da cultura e da rotina, em geral, ajuda a poupar tempo e trabalhar o conteúdo que tem de ser dado, independentemente de materiais e recursos disponíveis. Contudo, com materiais prontos, as rotinas bem definidas são potencializadas e o docente tem mais tempo para pensar no que trazer à turma, como aprofundar e ampliar os conteúdos, quais questões e desafios serão propostos.”

Resumo das técnicas para criação de uma forte cultura escolar

“Rotina de entrada” – Criar hábitos que favoreçam eficiência e produtividade com rotinas bem estabelecidas no início da aula, aproveitando o tempo em que os alunos adentram a sala e tomam seus lugares.

“Faça Agora” – Fazer com que os alunos sempre saibam o que fazer logo ao entrar em sala, para que não tenham que se perguntar “o que fazer agora”. Por exemplo, o professor pode deixar uma atividade breve já nas carteiras ou na entrada antes de todas as aulas.

“Breves Transições” – Estabelecer procedimentos para que os alunos poupem tempo quando se movem de um local da escola para outro, na transição entre diferentes atividades ou na passagem de materiais.

“Controle do Material” – Exigir objetos específicos para a tomada de notas (cadernos, folhas em fichários etc.), a fim de que o aluno construa um sistema eficiente e organizado para armazenamento e consulta daquilo que aprendeu.

“POSSO” – Sigla que sintetiza comportamentos fundamentais exigidos para que os alunos prestem o máximo de atenção às atividades (Pergunte e Responda, Ouça, Sente-se Direito, Sinalize Com a Cabeça e Olhe Para Quem Está Falando).

“Em Suas Marcas” – Exigir que os alunos tenham, no início da aula, todos os seus materiais em condições de uso: livros e papéis sobre a carteira, caneta ou lápis na mão.

“Comunicação por Sinais” – Combinar sinais para que os alunos peçam para se levantar e realizar atividades de fora da aula, sem interromper os trabalhos acadêmicos. Por exemplo, para facilitar os pedidos de ir ao banheiro, chamado por Lemov de “o último bastião dos infiéis”.

“Vivas!” – Treinar os alunos para fazer elogios coletivos e sonoros aos pares, em horas certas, para inspirar os alunos. Tudo com o devido cuidado para que não se torne bagunça, porém que seja rápido, envolvente, universal, entusiástico, refletindo a evolução do aprendizado.



Gilne Gardesani Fernandez é professora de ensino fundamental I na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vereador Manoel de Oliveira, em Santo André (SP). Ela usa as técnicas em todas as disciplinas (Ciências, Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática e Artes) com uma turma de 4º ano.

o instrumento de registro, com capacidade de síntese e organização, não apenas no conteúdo, são pontos dos quais muitas escolas acabam se esquecendo. Mesmo assim, a professora recomenda cuidados no uso das técnicas. “Devemos ter em conta que um grupo tem pouco ou nada a contribuir para o crescimento de seus membros quando se tenta pasteurizar as individualidades, as singularidades, sugerindo uma unidade de conceito, pensamento e posicionamento coletivo que não é real”, avalia.

Débora fez tal ponderação em sua palestra no 1º Fórum de Educadores organizados pelo Insper – Instituto de

Ensino e Pesquisa, em abril, na capital paulista. Ela enfatiza que o mesmo lastro de realidade sugerido foi usado pelo autor na produção da obra. “Os professores analisados pelo Lemov tinham um posicionamento, em uma situação deles. Para funcionar em outros contextos os docentes devem ser convencidos de que a ideia é boa, sem coerção. A adoção deve ser consciente, política, tomada pela escola e pelo professor”, acredita.

Deslocamentos e rotinas

A criação de uma cultura organizacional já vinha em andamento no Colégio Albert Sabin, na Zona Oeste da cidade

de São Paulo, por exemplo. A escola avalia a obra de Lemov com relação às práticas já existentes, às que podem ser adaptadas e às que não são pertinentes a esse contexto.

Especificamente sobre rotinas de deslocamentos, pertinentes às técnicas “Rotina de Entrada” e “Breves Transições”, os deslocamentos para atividades extracurriculares desportivas já foram remodelados de forma semelhante para ganhar tempo. “Os alunos têm que colocar as suas malas em algum lugar, trocar de roupa, prepararem-se para a atividade e se dirigirem ao local designado, e a pouca coordenação encurtava o tempo da atividade desportiva”, descreve a diretora pedagógica do colégio, Giselle Magnossão.

A instituição possui 3 mil alunos em dois períodos. Ao final das atividades em sala após cada turno, cerca de 1,5 mil alunos se deslocam de forma organizada por movimento e ordem de descida – como locais e rotinas preestabelecidas para deixar o material individual em locais específicos (normalmente no estacionamento), preparar-se para a atividade e se dirigir ao local da prática desportiva. “Hoje tudo é feito em cinco minutos e ganhamos tempo de trabalho efetivo”, afirma. ■

O teste da reportagem

Por mais que as técnicas tenham como ênfase a sala de aula, não se pode ignorar que a falta do que Doug Lemov chama de “uma forte cultura escolar” está associada a muitas condições externas à alçada do professor. Em uma organização privada, como a da turma observada, o aluno tem comportamento também de cliente e se refugia nessa condição para não se dobrar a regimentos. O estabelecimento das técnicas também se dificulta quando a instituição de ensino tem concepção diferente dos cinco princípios básicos descritos pelo autor (disciplina, gestão, controle, influência e engajamento).

O que Doug Lemov chama de disciplina, por exemplo, é tratado como didática. Gestão está ligada a resultados de satisfação do “cliente” e resultados acadêmicos do aluno nas avaliações formais, o que se cobra diretamente da coordenação pedagógica. Controle, influência e engajamento, por consequência, acabam fundados totalmente na habilidade e em aspectos quase instintivos do professor, como uma liderança natural.

No capítulo 5, as técnicas de Lemov, justificadas didáticas, mostram um lado menos adequado a diferentes realidades. “Rotina de entrada” já era prática do docente. Como muitos alunos chegam atrasados, vin-

do diretamente dos seus empregos, ela se torna necessária para evitar interrupções. Por essa característica secular dos alunos, “Faça Agora” simplesmente se inviabiliza. “Breves Transições” e “Controle do Material” tornaram-se dispensáveis. “Em Suas Marcas” e “Comunicação por Sinais”, por sua vez, na prática docente adotada com a turma, são inviáveis, pois remetem mais a rotinas militares do que à proposta de formação do projeto pedagógico do curso.

“POSSO” é talvez a mais pertinente, já usada pelo docente, que não por coincidência independe do que ocorre da porta da sala para fora. “Vivas!” não foi testada por não ser julgada pertinente ao contexto trabalhado.

Considerando que a turma observada é de nível superior, o conjunto dessas técnicas parece um regimento militar. Podem ser úteis em outros níveis, porém dependem do envolvimento de direção e coordenação, com muito cuidado para não tornar a instituição de ensino um local muito mais voltado a comportamentos padronizados.

O repórter **Fabio Venturini**, também historiador e professor universitário na área de Comunicação Social, do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo (SP), testou as técnicas para esta reportagem com alunos do curso de Jornalismo.

Na próxima edição, como estabelecer e manter altas expectativas de comportamento

Para o professor construir um ambiente com alta expectativa a respeito dos alunos, aliada a uma forte cultura escolar, torna-se necessário também estabelecer altas expectativas de comportamento, com ordem e respeito suficientes para garantir a equidade no aprendizado. As técnicas do capítulo seis, que serão abordadas na próxima edição e tratam desse aspecto, são: “Padrão 100%”, “O Que Fazer”, “Voz de Comando”, “Faça de Novo”, “Capriche nos Detalhes”, “Umbral” e “Sem Aviso”.

O que achou desta reportagem? Mande elogios, críticas e sugestões para editorial@humaneditorial.com.br